

ADOLESCENTES NAS FRANJAS DOS TERRITÓRIOS E AS VIOLÊNCIAS: VOZES E EXISTÊNCIAS

RODRIGUES, Susy Cristina ¹

Resumo: Este artigo tem o objetivo de contribuir com apontamentos sobre uma pesquisa em andamento com a temática de adolescentes que sofrem violências e vivem em territórios periféricos. A expectativa desse texto é aproximar os leitores da vida nas periferias, trazendo seus sentidos, a partir da narração das vozes dos sujeitos da pesquisa com as metodologias da história oral de vida e do grupo focal, a fim de potencializar suas experiências e vivências.

Palavras-chave: adolescentes, periferias, violência, história oral.

Abstract: This article aims to contribute with notes on ongoing research with the theme of adolescents who suffer violence and live in outskirts areas. The expectation of this article is to introduce readers of life in the peripheries, bringing your senses, from the narration of the voices of the subjects with the methodologies of oral history of life and the focus group in order to potentiate their experiences and life.

Key words: adolescents, outskirts, violence, oral history.

Introdução

Nossa história começa com oito adolescentes². Assumo junto à minha voz, as vozes de um menino e sete meninas, representando suas existências a partir das metodologias da história oral de vida e do grupo focal, contando quem são, de onde vem, onde vivem, como vivem.

Esse artigo destaca os resultados parciais de uma pesquisa de mestrado. A coleta de dados ocorreu no período de agosto a novembro de 2013, sendo que nos dois primeiros meses foi realizado o grupo focal e nos dois últimos a história oral de vida.

¹ Mestranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Bolsista CAPES. E-mail susy_crs@yahoo.com.br

² Não pretendo discorrer sobre os conceitos de adolescências, pois tenho como foco o processo de subjetivação ou a produção de subjetividades que atravessam os sujeitos desta pesquisa, compreendendo de que forma se enxergam no mundo e se constituem, a partir de singularidades, resistências ou assujeitamentos, dentro da perspectiva de Michel Foucault (2005, p. 291). Para mais informações sobre uma abordagem conceitual do que é ser adolescente, recomendo o trabalho de Campos (2008, p. 46-49), no qual após dedicar um capítulo de sua dissertação de Mestrado explorando este tema, conclui que a adolescência é um dispositivo de poder.

A participação dos adolescentes nessa pesquisa foi possível através de um convite voluntário, realizado em junho de 2013, na própria instituição de educação não formal, situada na região Noroeste de Campinas. O CECOMPI (Centro Comunitário da Criança do Parque Itajaí I e região) foi a instituição de educação não formal escolhida, localizada no bairro Parque Itajaí, existente desde 1989, e que atende crianças e adolescentes de seis a quatorze anos de idade.

O critério de seleção dos adolescentes foi a idade, privilegiando os mais velhos. Foi realizado um convite para todos os adolescentes de doze a quatorze anos, totalizando vinte e oito, dos quais oito participaram da pesquisa voluntariamente, um menino e sete meninas.

Os pais dos sujeitos da pesquisa assinaram o Termo Livre de Consentimento Esclarecido, autorizando a participação voluntária de seus filhos com a gravação do áudio dos encontros e entrevistas, estando cientes dos riscos, benefícios e vantagens na participação do estudo³.

A seguir, realizaremos um percurso nos territórios periféricos nos quais vivem os sujeitos dessa pesquisa, demonstrando o cotidiano da vida desses adolescentes, para que seja possível trazer à tona uma contribuição sobre os modos de vida nesses espaços, motivando novos estudos e ações, no sentido de compreender, desmistificar, problematizar e propor respostas, em torno das vozes que narram e vivenciam violências.

Conhecendo os territórios

Tomando como ponto de referência o Centro da cidade de Campinas, em São Paulo, pegamos um ônibus no Terminal Central, para que pudéssemos chegar até esses adolescentes. De manhãzinha, após filas e espera de aproximadamente vinte minutos, conseguimos embarcar. De pé, seguimos viagem de quase dezoito quilômetros, em ônibus lotado, chegando próximo ao nosso destino em sessenta minutos⁴. Faltavam mais três

³ A gravação em áudio dos encontros do grupo focal funcionou como suporte para a pesquisadora realizar o trabalho de sistematização da coleta de dados e para obtenção de resultados da pesquisa, sendo utilizada apenas para este fim. Já as gravações das entrevistas individuais, com os relatos de cada história oral de vida, foram utilizadas para realizar a transcrição, textualização e transcrições – etapas dessa metodologia, baseadas em Meihy e Holanda (2005) e CALDAS (1999) - sendo posteriormente armazenadas em CD *room*, arquivados na biblioteca da Faculdade de Educação da Unicamp, junto com o exemplar dessa dissertação, ao final da pesquisa.

⁴ De acordo com o site da Emdec, o tempo estimado do traslado entre o Terminal Central até o Campo Grande é de quarenta e cinco minutos, mas pessoalmente, fiz esta viagem às oito horas da manhã, em uma terça-feira de agosto de 2013 e meu percurso foi de sessenta minutos. Linhas de ônibus utilizadas: do Terminal Central até o

quilômetros e meio para chegarmos até o Residencial Jardim Bassoli, mais quarenta minutos, entre o tempo de espera do outro ônibus e o percurso final.

O Residencial Jardim Bassoli está localizado em uma região limítrofe do município, próximo a Indaiatuba, Monte Mor e Hortolândia.

Se atentarmos ao trajeto percorrido pela Avenida John Boyd Dunlop, principal via de acesso ao Jd. Bassoli, perceberemos na paisagem o que exatamente aponta Oão (2012, p. 53): “descontinuidades na malha urbana, com intensa degradação ambiental, população de baixa renda, carência de infraestrutura, de equipamentos urbanos e atividades terciárias”.

Estas descontinuidades são visíveis, quando percorremos os bairros vizinhos ao Residencial Jardim Bassoli: o Parque Itajaí é uma área residencial, contendo ao norte, o CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano de São Paulo) e ao sul, casas, com poucos comércios, além de várias áreas desabitadas. Esta mesma configuração se mantém até chegarmos ao Residencial Jardim São Luís, ao norte do bairro Campina Grande, região marcada pelo difícil acesso em razão das ruas não contarem com pavimentação, mostrando a precariedade nas condições de habitação, falta de saneamento básico, ruas com esgoto a céu aberto, uma grande quantidade de animais como vacas, bois e cavalos ocupando este mesmo espaço.

Chegando ao Residencial Jardim Bassoli, observamos uma região composta por um conjunto de prédios, identificados por blocos de A a S. Podemos visualizar o rio Capivari. Ao leste do Bassoli, avistamos o Residencial Jardim São Bento e o Parque Floresta I, II, e III, estes últimos bairros marcados novamente por um espaço residencial, com condições de acesso mais facilitadas se comparados ao Residencial Jardim São Luís, com ruas asfaltadas, como aparece no Parque Itajaí.

Notamos poucos equipamentos públicos nesta região, sendo possível afirmar que há um centro de saúde no Parque Floresta, outro no Parque Itajaí e mais um no Campina Grande, além de existir um Pronto Atendimento localizado próximo ao Centro comercial do Campo Grande. Os moradores do Bassoli, do São Bento e do São Luís precisam acessar os Centros de Saúde de bairros vizinhos.

Terminal Campo Grande, linha nº 212 e do Terminal Campo Grande ao Residencial Jardim Bassoli, linha nº 215. Endereço do site da Emdec: <<http://www.emdec.com.br/>>, acessado em 25 de março de 2014.

Quando procuramos por escolas de ensino infantil, de ensino fundamental e ensino médio, encontramos uma única EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil), a Else Feijó Gomes, que atende crianças de 3 a 5 anos, localizada no bairro Campina Grande, três CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil), que atendem crianças de 0 a 5 anos de idade, situados no Pq. Floresta e no Pq. Itajaí (II e IV) e cinco Escolas Estaduais, nos bairros São Bento, Campinas Grande, Pq. Floresta e Pq. Itajaí⁵.

Novamente encontramos dificuldades, agora no acesso à educação, pois não constam escolas em todos os bairros citados nesta pesquisa, além de lembrarmos que, se não houver vaga nestas instituições de ensino, a população é direcionada para outras escolas mais distantes.

Dada a observação da configuração de como foi produzido o espaço da região do Campo Grande, poderíamos facilmente identifica-la como um região periférica. Porém, é importante ressaltar que há várias definições para o termo periferia, sendo muito mais aceito entre os geógrafos o termo periferias, pela sua heterogeneidade e pela velocidade de seus fenômenos (RITTER e FIRKOVISK, 2009, p. 22). A periferia também pode ser concebida

como o lugar a partir do qual se pode interrogar a questão social no espaço urbano. O lugar que expressa, de forma agudizada, a crise urbana e o processo recente de precarização social e das desigualdades sociais nessas cidades. Um lugar de vivência contraditória de amplos segmentos populares adensados pela expansão imobiliária e pelo disciplinamento do espaço urbano promovido poder público (IVO, *ibid.*, p. 9).

Antes de atribuir sentidos ao lugar que se vive e que se reproduz as relações sociais, vale ressaltar que o processo de “migração intrametropolitana” (RITTER e FIRKOVISK, 2009, p. 24) tem sido a marca atual da constituição de territórios periféricos, processo este que pode desperiferizar a periferia ou reperiferizá-la. Ao invés de acentuar-se o êxodo rural, tal como assistimos no Brasil e na América Latina, entre as décadas de setenta e oitenta, de onde se configurou a formação inicial das favelas⁶, dos

⁵ Informações disponíveis no site da internet da Prefeitura Municipal de Campinas e da Secretaria Estadual de Educação: <<http://www.campinas.sp.gov.br/governo/servicos-publicos/regioes/noroeste/escolas.php>> e <<http://www.decampinasoeste.com.br/>>, acesso em 06 de abril de 2014.

⁶ Podemos pensar junto com Ultramari e Moura (1996, p. 13) quando afirmam que as favelas se diferenciam das demais áreas periféricas, a partir da ausência de posse legal da terra, bem como em algumas vezes, situar-se em terrenos impróprios para morar.

subúrbios e das periferias (IVO, 2010, p. 10), é recorrente a produção e reprodução da pobreza, a partir da migração intrametropolitana:

Ao ser disponibilizada infraestrutura básica, ao se promover uma regularização fundiária, ao se diminuir a submissão e a defasagem socioeconômica, ao se elevar o *status*, enfim ao se urbanizar áreas tidas como *periferias*, por motivações diversas, principalmente econômico-políticas, tudo isso faz com que elas não se enquadrem mais como *periferias*. Esse momento, portanto, passa a caracterizar outro processo, ou seja, o de *desperiferização*. É observado também que muitos daqueles que habitavam essas áreas, enquanto *periferias*, deixam-nas durante o processo de urbanização-regularização, passando a residir em outras áreas, novas ou não, geralmente por processos de ocupação marcada pela ilegalidade, reproduzindo, nessas novas áreas, as mesmas precariedades socioambientais daquelas que eles abandonam, configurando assim uma *reperiferização* ou *nova periferização* (RITTER, 2011, p. 93).

Nas vozes dos adolescentes desta pesquisa, captamos a migração intrametropóle, por exemplo, entre os bairros Jardim Campos Elíseos e São Bento, Jardim Lisa e Parque Floresta, CDHU do Parque Itajaí, além de migração entre o Parque Floresta I, II e III. Todos os bairros citados são considerados periféricos, sendo que há um estigma produzido entre os próprios adolescentes que realizam a exclusão da exclusão, ao categorizar estes bairros como “melhores” ou “piores”. Por outro lado, vemos a heterogeneidade reinando nestes territórios periféricos.

Outra característica interessante de pontuar, se faz na comparação da experiência coletiva do grupo focal, na qual os adolescentes faziam gozações direcionadas a um dos participantes que mora no Residencial Jardim Bassoli, sendo que ao contar sua história, este adolescente diz que vive em outro bairro, não citando o Bassoli em sua narrativa na história oral de vida.

A multidimensionalidade da violência

O Bassoli é composto por moradores que deixaram suas moradias improvisadas ou instaladas em área de risco (OÃO, *op. cit.*, p. 75). O residencial foi construído mediante o Programa Minha Casa Minha Vida, sendo que, ao ser sorteada, a pessoa deve aceitar imediatamente a mudança para este local, sem opção de escolha do condomínio, ou número de apartamento que irá morar. Caso haja desistência, há uma punição: o

beneficiário do programa deve assinar um termo de desistência, o que lhe confere o fim do recebimento do auxílio-moradia e da possibilidade de participar de um novo sorteio, ou seja, estes moradores são passivos na produção deste espaço (*idem*, p. 56-57).

Tanto no grupo focal quanto na história oral de vida, o Residencial Jardim Bassoli⁷ é apontado com preconceito como “lugar de criminosos”, ponto de tráfico de drogas, lugar inseguro, oferecendo uma dimensão de que os moradores deste lugar são *outsiders*, isto é, desconhecidos, diferentes. Paradoxalmente, nos bairros em que estes adolescentes vivem também há marcas da criminalidade e do tráfico de drogas, situações relatadas pelos próprios adolescentes, em específico no grupo focal.

Porém, pelo Residencial Jardim Bassoli ser relativamente novo, provocando mudanças na configuração das relações sociais existentes neste território, desde conflitos, alianças, aceitação, inclusão ou exclusão, coloca em evidência, através de repetições constantes, situações envolvendo riscos para os moradores dos bairros vizinhos e para uma grande parcela de moradores que também vivem no próprio Residencial – considerando aqui aqueles que não estão envolvidos com a criminalidade e com o tráfico de drogas. Conclusão: até quem nunca se envolveu com o crime, por exemplo, acaba recebendo o rótulo de uma pessoa “perigosa”, que “pratica atos criminosos”, tudo isso porque houve a ocupação de um espaço que teoricamente fazia parte do entorno dos moradores do São Bento, Parque Floresta, Parque Itajaí, Campina Grande, território que agora foi apropriado por outros, por desconhecidos, sendo que alguns destes “outros” produzem relações sociais diferentes, através do roubo e da venda de drogas ilícitas. Concordando com Ávila (2006, p. 87),

[...] os lugares mais pobres da cidade são entendidos como sendo o ponto de origem da criminalidade. Para Zaluar (1994) esta tendência sinaliza para a constante estigmatização dos pobres, trabalhadores ou não, e de seus locais de moradia: no Brasil de hoje, o espelho que constrói é a associação direta entre pobreza e criminalidade e periferia, sendo entendida como o lugar do pobre na cidade, passa a ser vista como um lugar perigoso. Caldeira chama a atenção para o aspecto dominante dessa criminalização simbólica: até as vítimas dos estereótipos acabam por reproduzir estes estigmas.

⁷ Quando atuava em uma instituição como assistente social, entre os anos de 2012 e 2013, presenciei em meus atendimentos, vários relatos dos próprios moradores do Residencial Jardim Bassoli indo nesta mesma direção: as pessoas se sentiam inseguras, rotulando a partir da localização dos condomínios, através da separação por letras (que vai de A a S) aqueles que eram trabalhadores e aqueles que faziam parte da rede de crimes; presenciei o uso de drogas ilícitas de forma pública e naturalizada; também atestei pessoalmente as dificuldades encontradas na estrutura de alguns prédios, tais como rachaduras, falta de iluminação, entre outros.

A convivência com os *outsiders* do Bassoli é implícita: o bairro não possui nenhuma escola, centro de saúde, opção de lazer (com exceção do salão de festas do residencial e de sua área de *playground*), contando apenas os condomínios e pequenos comércios informais. A interação com estes “desconhecidos” provoca encontros, introduz o imprevisível, rompe com o repetitivo do cotidiano, como bem pontua Janice Caiafa (2007, p. 120). Desses afectos, pode surgir a alteridade, um olhar para compreender a si mesmo a partir do outro.

Vale enfatizar que de acordo com a COHAB (Companhia Popular de Habitação em Campinas) o Residencial Jardim Bassoli é um espaço que foi produzido recentemente, a partir do ano de 2010, destinado a famílias com renda de até R\$1600,00, abrangidas pelo Programa Minha Casa Minha Vida do governo federal, com capacidade total de 23 condomínios e 2.380 apartamentos.

Passados quase quarenta anos, podemos refletir que o Bassoli surge como um acontecimento na vida dos moradores da região em estudo: desestabiliza, descontrola, gera medo, traz riscos. O novo gera relações novas, causando encontros imprevistos, podendo surtir afecções positivas ou negativas, diante de relações de poder oriundas deste “novo”.

Para Deleuze (ZOURABICHVILI, 2009, p. 6), acontecimento se relaciona ao sentido e à linguagem:

Então não se perguntará qual o sentido de um acontecimento: o acontecimento é o próprio sentido. O acontecimento pertence essencialmente à linguagem, mantém uma relação essencial com a linguagem; mas a linguagem é o que se diz das coisas [...].

Para Foucault (REVEL, 2005, p. 13), o acontecimento está na raiz do discurso, diferenciando-se entre os acontecimentos discursivos dos acontecimentos de uma outra natureza, como os econômicos, sociais ou políticos. É muito raro encontrar alguma pessoa que tenha ouvido falar do Residencial Bassoli ou que conheça este território e que não empregará uma linguagem de forma a tentar caracteriza-lo pelos discursos de verdade criados.

Se recorrermos à história da constituição dos bairros da região do Campo Grande, notaremos que a ocupação destes espaços se deu de forma coletiva, política,

através de manifestações e da organização dos primeiros moradores, com iniciativas nas reuniões de uma igreja católica.

Durante a consulta à bibliografia produzida sobre o espaço da região do Campo Grande em Campinas, notamos a escassez (quase que zero) na localização por artigos, livros ou outro material disponível em forma de literatura científica. Pode se destacar que foi possível encontrar dois trabalhos: a produção do documentário “Memórias do Campo Grande – Uma história de lutas e religiosidade na região às margens da John Boyd Dunlop” (2011), projeto de Extensão desenvolvido pela professora Ivete Cardoso do Carmo Roldão, da Faculdade de Jornalismo da PUC Campinas, e o trabalho de Larissa Vieira Oão (2012), do Instituto de Geociências da Unicamp, já citado aqui anteriormente. No documentário consta a constituição histórica do processo de formação dos bairros do Campo Grande, do ponto de vista dos moradores, no qual é enfatizado por um dos seus participantes a importância deste trabalho, pontuando com a seguinte afirmação: “nós não aparecemos na história oficial”.

De acordo com o documentário citado, houve iniciativas do Conselho Pastoral no oferecimento de cursos às lideranças dos bairros, visando criar Associações de Moradores. Iniciaram-se as atividades do Conselho Popular da Região do Campo Grande, desvinculado da igreja, com o objetivo de aglutinar forças visando a garantia de direitos como o acesso à energia elétrica, à água encanada, ao transporte público. A duplicação da Avenida John Boyd Dunlop foi um dos exemplos de conquistas realizadas a partir da organização e das reivindicações da população.

Ao todo, são 72 bairros e mais de 150.000 habitantes que vivem na região do Campo Grande e até hoje, assistimos manifestações e mobilizações da população que vive nestes bairros, tendo como exemplo uma manifestação realizada no Pronto Atendimento de Saúde, no dia 26 de março de 2014⁸.

Os adolescentes que participaram dessa pesquisa relatam que a Praça da Concórdia e o Bar do Rael são dois points de encontro: aos sábados à noite, comumente são formados bailes funk na Praça, organizados por pessoas que ocupam este espaço com carros equipados com caixas de som potentes. Existem alguns comércios nos arredores da Praça da Concórdia, sendo que também há outros pontos de encontros como exemplo, o

⁸ Informações disponíveis na página do Facebook Campo Grande Info – criada por moradores da região: <https://www.facebook.com/CGInfo.com.br?fref=ts>, acesso em 31 de março de 2014.

Na Praça Chopperia. A Praça da Concórdia sedia alguns eventos realizados pela Prefeitura Municipal de Campinas⁹, tais como o show de Carlinhos Brown, realizado em dezembro de 2011 e eventos anuais remetidos ao Natal.

O Bassoli é lembrado nestas duas escassas opções de diversão aos fins de semana: cria-se a imagem de que roubos, conflitos e confusões originam-se de pessoas que vivem neste Residencial e que frequentam os bailes funk da Praça ou o “pagode do Rael”.

Aos domingos, os adolescentes relatam que o espaço de diversão é o Bar do Rael, localizado no Parque Floresta. Entretanto, os próprios adolescentes já chegaram a reclamar que as festas promovidas duram até a madrugada, causam incômodo para aqueles que precisam trabalhar e estudar na segunda-feira, pela manhã.

Alguns adolescentes informam que o uso de substâncias psicoativas é comum e naturalizado nestes dois espaços de lazer. Outro ponto importante a se destacar é a aparição da polícia na Praça da Concórdia e no Bar do Rael, configurando-se em confrontos que podem chegar a ter tiros de balas de borracha. Mesmo apresentando tensões e conflitos, estes espaços acabam sendo algumas das poucas opções criadas pelos próprios moradores destes bairros. Se constituem, assim, espaços de socialização, de encontros e de acesso ao lazer. Existe um estudo (MAGNANI, 1984 citado por ÁVILA, 2006, p. 21) no qual foi observada em vários bairros das periferias de São Paulo a capacidade de criação de espaços pelos seus moradores, que proporcionem o acesso ao lazer.

Vale ressaltar que os bairros do Campo Grande (não se restringindo, portanto, apenas ao Residencial Jardim Bassoli) constituem a segunda região mais violenta de Campinas, perdendo lugar apenas para a região do Ouro Verde, sendo que estas regiões acabam se revezando anualmente nestas posições – por exemplo, em 2012, a região do Campo Grande liderou o ranking de assassinatos no município . De acordo com notícia veiculada no jornal Correio Popular (FELIX, 2014, s. p.), os homicídios ocorridos nessas regiões são motivados por acerto de contas, tráfico de drogas e brigas entre casais.

Segundo a reportagem citada, a região do Campo Grande é marcada pela presença do crime organizado, contendo “tribunal do crime”, no qual são executados os

⁹ Informações disponíveis no site da Prefeitura Municipal de Campinas: <http://www.campinas.sp.gov.br/noticias-integra.php?id=10290> , acesso em 31 de março de 2014.

autores de crimes como estupro e roubo na própria comunidade, tendo sua legitimidade diante da população, na ausência do Estado:

O especialista em análise de violência urbana da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Lauro Luiz Francisco Filho, afirmou que o tráfico de drogas aliado ao crescimento desordenado são os principais impulsores de áreas com altos índices de assassinatos. “Esse alto índice de assassinatos tem relação direta com o grande número populacional desses locais, aliado à baixa qualidade urbana, já que não há infraestrutura devido à ausência do Estado e do próprio Município. Isso gera a presença maciça do crime organizado.” O pesquisador ainda lembra que a criminalidade gera uma “cultura de convivência” com esses casos. “As pessoas criam fidelidade com as facções criminosas que atuam nessas regiões. Todos têm medo e acabam aderindo à lei do silêncio, e a violência acaba banalizada. Elas convivem com isso e passa a ser normal não confiar na polícia. A presença da própria polícia acaba gerando mais desconfiança da própria comunidade” [...].

Os adolescentes que participaram desta pesquisa ressaltam a descrença na polícia¹⁰, destacando que uma de suas principais funções é desmanchar bailes funks. Nos percursos entre a escola e suas residências relatam haver a presença de “biqueiras¹¹”, além de existir a venda de drogas ilícitas nas proximidades da escola, afirmando que a polícia e a escola são omissos. Relatam ainda que é inadmissível haver roubos entre pessoas que moram nos mesmos bairros, pois existem regras: é proibido roubar o bairro no qual se reside.

Pensando nas características do crime organizado, parece que para os adolescentes que vivem nas periferias, há a intenção de fazer justiça, em detrimento das injustiças ocorridas nos fatos sociais experimentados em seus cotidianos. A futura escolha profissional recorrente de alguns dos participantes desta pesquisa se volta para as profissões de advogados e policiais. Em paralelo a estas histórias de vida, o crime organizado tem o ideal de reconhecer-se como a justiça “extralegal” das comunidades:

[...] a fronteira que delineaia as tensões e clivagens sociais contemporâneas, em São Paulo, alimenta-se, de um lado, de ações de “combate ao crime” amparadas num pretensão universalismo legal, que,

¹⁰ No primeiro encontro do grupo focal, as discussões sobre o poder do tráfico de drogas, o crime organizado e a polícia vieram à tona. Na história oral de vida de Brian (nome fictício), percebe-se a iniciativa de lembrar-se da polícia: ele narra suas aventuras em disputas de racha com a Força Tática, bem como ensina como se comportar na Praça, aos sábados à noite, caso a polícia apareça, para evitar ser atingido por balas de borracha, através de estratégias de fugas. A história oral de vida de todos os adolescentes que participaram dessa pesquisa estará disponível na íntegra na dissertação de mestrado, com previsão de defesa para fevereiro de 2014.

¹¹ Gíria: pontos de venda de drogas ilícitas.

no entanto, é, de fato, seletivo em sua implementação. Essa seletividade, que acompanha a hierarquização social, não faz mais do que reforçar, nas periferias da cidade, a legitimação e a necessidade de instâncias extralegais do recurso à autoridade e à justiça (FELTRAN, 2008 *in* IVO, op. cit., p. 14).

As percepções quanto ao território ocupado por estes adolescentes podem variar entre a crítica e a insatisfação de viverem nestes bairros, preferindo viver nos bairros anteriores comparados aos atuais, além do movimento de planejar-se mudar novamente destes bairros, citando a violência e as dificuldades de acesso aos serviços básicos.

O espaço público é utilizado pelos adolescentes na prática de esportes e o “ficar na rua com amigos”, como momentos de socialização. A escola também é citada como espaço de socialização (FUNARI e ZARANKIN, 2005, p. 39), na qual as amizades são valorizadas, e se faz presente a idealização de uma escola como espaço de acesso ao lazer¹².

No espaço escolar surgem as temáticas dos conflitos, das violências¹³, tendo como destaque o *bullying* e as brigas que geram danos físicos. Percebe-se que o cotidiano destes adolescentes, marcado pelo contexto da criminalidade, do tráfico de drogas, da exclusão social por si só já os expõe à violência, ou para situações de risco pessoal e social.

Pesquisas sobre a violência em ambiente escolar mostram que é indissociável a relação entre o cotidiano que ocorre nos bairros junto à vida escolar, apontando como constatação comum de que “a violência observada na escola retraduz parte do ambiente externo em que as unidades operam, particularmente em localidades dominadas pelo crime organizado” (SPOSITO, 2001 *apud* SHILLING, 2004, p. 82).

Viver nas periferias tem um preço muito alto, mas não justifica a violência. Viver nas periferias já é uma violência. Não bastando sofrer com a violência na rua, nos espaços públicos, no espaço doméstico e intrafamiliar este quadro não é muito diferente.

¹² O grupo de adolescentes que participaram desta pesquisa não teve a iniciativa de falar sobre a educação, sobre o que se ensina na escola. Sempre que se remetiam à escola era a socialização que possuía um peso maior nos relatos.

¹³ Entre várias concepções do termo violência, cito uma dela, na qual diz-se que “[...] há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais” (MICHAUD, 1989 *apud* SHILLING, 2004, p. 38). O termo violências está no plural para designar a sua multidimensionalidade.

Se há alguma correlação entre experiência de rejeição infantil e violência doméstica, entre esta e o alcoolismo, e entre baixa autoestima e alcoolismo, deduz-se a conexão entre desemprego e alcoolismo e, portanto, a ligação entre pobreza, violência doméstica e vivência infantil da rejeição. Ou seja, mesmo não havendo relações causais, diretas e mecânicas, há correlações entre fatores que pertencem a um mesmo campo de fenômenos, campo constituído pela força de gravidade que as tendências probabilísticas representam (SOARES, 2004, p.139).

A citação de Soares nos faz pensar sobre a relação que podemos estabelecer entre as conexões do mundo que gira em torno destes adolescentes que vivem com novas configurações familiares, como por exemplo, famílias monoparentais (chefiadas por mulheres) e famílias compostas (com padrastos ou madrastas). A ruptura de vínculos familiares diante das separações entre os pais/padrastos é recorrente, bem como a negação da paternidade, fatos estes recorrentes nos territórios periféricos.

Entre alguns estudos realizados sobre os papéis sociais da família nas regiões periféricas, podemos destacar o trabalho de Fonseca (2000) citado por Ávila (2006, p. 31), no qual há um sistema de parentesco em que se definem os papéis sexuais, onde a mulher não é repreendida caso abandone o marido e comece a viver com outro homem:

Essa troca de companheiro pode também gerar o abandono dos filhos do casamento anterior. Em geral, após término da relação conjugal, o homem abandona a rede de parentesco, inclusive desvinculando-se da paternidade. Quando isso acontece, cabe ao outro marido (no caso da mulher se ligar a outro homem) a responsabilidade de criar os filhos da mulher.

Encontramos na família um palco de conflitos e afetos. Em suas relações sociais há um esgarçamento das relações familiares e muitos ressentimentos produzidos principalmente sobre a figura masculina do chefe de família.

É curioso afirmar que a autoridade exercida pelo pai nestas famílias muitas vezes ainda mantém os papéis sociais definidos no período da ditadura: as relações de poder são desafiadas, e encontramos a violência de gênero que se repete nestas famílias dos adolescentes. A mulher que sofre agressões psicológicas, físicas, contra o seu próprio patrimônio, sobrevive com violências presentes no seu cotidiano. Muitas vezes os filhos tentam apartar as brigas entre os pais ou responsáveis, correndo risco de se machucarem ou se prejudicarem, sofrendo ameaças.

Juntamente com o medo, existe o receio de que os filhos, o atual companheiro, outros familiares e os vizinhos ouçam o que a mulher deseja silenciar, são “zonas de silêncio”. A mulher emudece, tranca-se e ao aceitar relatar sua história, consente em romper o isolamento e imergir em um processo de reflexão sobre o passado e o presente, contribuindo para dar visibilidade aos contornos da violência que grassa universalmente e ajudando a reescrever *a crônica da família* – não daquela idealizada e sacralizada, mas das famílias reais, errantes, estilhaçadas, lugares de afeto/ódio, solidariedade/violência (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995, p. 73-74) (BIJOS, 2004, p. 122).

A mulher neste contexto geralmente trabalha fora de casa, em comércios na região central da cidade, ou como empregadas domésticas. Se submetem ao stress diário de passar muito tempo aguardando por muito tempo o transporte público chegar, além de ainda ter que fazer viagens diárias que podem chegar a quase quatro horas¹⁴ (na ida e na volta), sem conforto algum, em ônibus lotados de trabalhadores nos horários de pico.

Os papéis sociais atribuídos à mulher atravessam mudanças societárias desde a metade do século XIX. Não bastando a dupla, ou tripla jornada de trabalho¹⁵, a mulher ainda enfrenta os conflitos no ambiente doméstico: sofre violência empregada pelos companheiros ou esposos, além de enfrentar privações financeiras.

Os homens reinam soberanos no espaço privado, como detentores do monopólio do uso “legítimo” da força física. Com efeito, o domicílio constitui um lugar extremamente violento para mulheres e crianças de ambos os sexos, mas especialmente para as meninas. Desta sorte, as quatro paredes de uma casa guardam os segredos de sevícias, humilhações e atos libidinosos/estupros à posição subalterna da mulher e da criança diante do homem e da ampla legitimação social dessa supremacia masculina. O progresso e a entrada no século XXI não eliminaram a desconfiança e o medo, levantando suspeitas na mulher quanto ao seu futuro e ao seu papel na sociedade. Mudanças nas estruturas domiciliares são refletidas a partir de novas oportunidades de trabalho que surgem para as mulheres, mesmo em detrimento da permanência da mulher no espaço interno do domicílio. Adorno (1999, p. 82) esclarece que há temores quanto à possível ruína das religiões e da subversão de tudo aquilo que se julgava enraizado na ordem natural (família, relações de gênero, relações adulto-criança) (*ibid.*, p. 120).

¹⁴ Exemplo da pesquisa realizada no Residencial Bassoli, sobre a realidade da difícil locomoção entre este bairro e a região central da cidade, na qual os moradores chegam a utilizar até seis ônibus por dia para efetivar este deslocamento (de ida e volta). Consulte Oão (2012, p. 64).

¹⁵ Considerando como dupla ou tripla jornada de trabalho da mulher, além do trabalho fora de casa, as tarefas domésticas desempenhadas em seus lares e os cuidados aos filhos.

Neste contexto, há casos de crianças e adolescentes que assumem responsabilidades precocemente, na realização de atividades domésticas concernentes à fase adulta, desprivilegiando as peculiaridades do que é ser criança, privando-se do brincar, do uso da imaginação, das descobertas do mundo.

Os filhos acabam sofrendo a violência doméstica, dentro de um ambiente familiar repleto de privações e conflitos. Podem sofrer tentativas de abuso sexual, violência psicológica, com humilhações e ameaças graves, além da violência física. Assistem relações incestuosas na família. Vivem em constante relação de opressão, sendo que a violência simbólica muitas vezes naturaliza as relações de autoritarismo e falta de respeito¹⁶.

Como se não bastasse, há adolescentes que ainda ficam face a face com a violência fatal: os assassinatos envolvendo familiares se configuram como peças que compõem a história de vida de muitos meninos e meninas que vivem nas periferias. Mortes por motivos banais, como ciúmes, ou homicídios causados entre membros da própria família são exemplos relatados nesta pesquisa.

É necessário cautela quando facilmente pode-se culpabilizar a família como aquela que causa a violência contra os adolescentes, fato este que por sua vez, se alastra no mundo social destes meninos e meninas, ao reproduzir-se assim, a violência na escola. Nunca podemos deixar de perceber de que forma as relações sociais são produzidas, em espaços e tempos diferentes, captando movimentos que se configuram nas tensões, conflitos e contradições destas relações, envolvendo a cultura, a economia, a sociedade e o Estado.

Uma das dimensões pertinentes para esta análise é o peso cultural que colocou ao avesso, durante décadas, a ideia naturalizada de que “bater é educar”. Em um estudo realizado com autobiografias de escritores brasileiros, de 30 a 80 anos atrás, entre eles, Graciliano Ramos, observamos através do exemplo da punição corporal, uma prática pedagógica, que transmitiu para várias gerações, o sentido de tradição e eficácia na educação:

Esses escritores falam de um tempo em que bater nos filhos era extremamente frequente e quase sempre sinônimo de surrá-los com cipó,

¹⁶ Nesta pesquisa foram citados estes tipos de violência. Para mais informações sobre este assunto no que se refere à violência doméstica, consulte Azevedo (2005) e seus estudos no LACRI/USP: <<http://www.ip.usp.br/laboratorios/lacri/menulacri.php>>, acesso em 7 de abril de 2014.

chicote, corda, cinturão, chinelo, relho, rebenque, côvado ou até mesmo com escova de roupa. Também era sinônimo de pancadas na cabeça (croques, cascudos, cocorotes e piparotes), bem como de puxões e torções de orelha, tapas e palmadas. Tratava-se da resposta punitiva por excelência para travessuras, choros, rebeldia, desatenção na escola. Podia ser uma prática vingativa e despótica, funcionando absurdamente como verdadeiro dispositivo de tortura física e psicológica. Contraditoriamente ao que se poderia supor, a punição corporal nem sempre despertou na vítima sentimentos de raiva e injustiça. Em alguns casos, chegou a ser considerada não apenas necessária, mas abençoada. Bater nos filhos era uma prática suportada não apenas pela tradição, mas, às vezes, por uma firme convicção em sua eficácia pedagógica (*ibid.*, p. 20-21).

As violências atravessam o sentido de vida dos adolescentes vitimizados, a ponto de construir nas relações sociais um invólucro, uma redoma formada por uma cultura de violência:

Freire Costa (1993) afirma que a cultura da violência segue regras próprias e expõe os indivíduos a constantes danos físicos e morais, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas. Pressupõe que só a força resolve os conflitos emergentes no dia a dia. Assim, constrói-se a ideia de que a brutalidade é inevitável e a violência, um fenômeno necessário a nossa vida. O autor aponta que para a constituição da cultura da violência é necessário que ela se torne corriqueira. A sua proliferação indiscriminada demonstra que as leis perderam o poder normativo e os meios legais deixam de ser reconhecidos como formas legítimas de coerção, conseqüentemente a lei deixa de ser concebida como instrumento de escolha na aplicação da justiça. Cria-se um vácuo, no qual indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. Relativiza-se desta forma o conceito de crime. Cada um age segundo os seus preceitos, assim ninguém se julga fora da lei. O que Hannah Arendt (1976), em uma outra perspectiva, denominou de a “banalidade do mal” (ABRAMOVAY, 2013, p. 41-42).

Afinal, o que é ser adolescente? Após tantas afecções que sangram, ser adolescente se resume em ser perdedor ou ganhador? Como estas existências estão sendo vistas? Elas são vistas de fato ou estão na “invisibilidade desejada”, na qual é imposta, indistinta e ameaçadora, anulando a existência do indivíduo, ao considera-las como uma massa indiferenciada, que não goza de direitos, tal como Hadoche (2013, p. 96) refletiu?

Considerações finais

As políticas públicas ainda tem um longo caminho pela frente, repleto de percalços, que poderiam mostrar sinais de efetividade caso fosse possível articular em conjunto, os saberes e experiências no planejamento, realizações e avaliações de ações para superar as desigualdades sociais. Concordando com Abramovay *et al* (2013, p. 91-92), pensar a juventude e as políticas ainda é observar que existe um campo minado por autoritarismos,

[...] formas de fazer política que não atraem os jovens já que não reconhecem que tenham autoria nessas. Suas práticas de vida pedem mais compreensão de sentidos que julgamentos a priori, mesmo que essas desestabilizem a ordem. Há um elo perdido, desencontros entre o que querem e como são os jovens e o que, segundo eles, seriam ocupações de seus espaços por outras linguagens que não as suas.

Por que se interessar pela existência destas vozes? Estas vozes não são gritos “silenciados”? Os gritos destes adolescentes parecem não fazer eco diante da importância de suas existências, reproduz-se o velho, mantendo os ciclos de violência. Reproduz-se vidas revestidas de sucatas? Existe um olhar para estas vozes?

Após tantos impactos que rasgam vidas, que provocam destruições, que sangram a capacidade de aceitar a vida como ela é, proponho a leitura do poema “Lacraia” do livro Memórias Inventadas- Segunda Infância (2007) de Manoel de Barros.

Lacraia

Um trem de ferro com vinte vagões quando descarrila, ele sozinho não se recompõe. A cabeça do trem, ou seja, a máquina, sendo de ferro não age. Ela fica no lugar. Porque a máquina é uma geringonça fabricada pelo homem. E não tem ser. Não tem destinação de Deus. Ela não tem alma. É máquina. Mas isso não acontece com a lacraia. Eu tive na infância uma experiência que comprova o que falo. Em criança a lacraia sempre me pareceu um trem. A lacraia parece que puxava vagões. E todos os vagões da lacraia se mexiam como os vagões do trem. E ondulavam e faziam curvas como os vagões do trem. Um dia a gente teve a má ideia de descarrilar a lacraia. E fizemos essa malvadeza. Essa peraltagem. Cortamos todos os gomos da lacraia e os deixamos no terreiro. Os gomos separados como os vagões da máquina. E os gomos da lacraia começaram a se mexer. O que é a natureza! Eu não estava preparado pra assistir aquela coisa estranha. Os gomos da lacraia começaram a se mexer e se encostar um no outro para se emendarem. A gente, nós, os meninos não estávamos preparados para assistir àquela coisa estranha. Pois a lacraia estava se recompondo. Um gomo da lacraia procurava o seu parceiro parece que pelo cheiro. A gente como que reconhecia a força de Deus. A cabeça da lacraia estava na frente e esperava os outros vagões se emendarem. Depois, bem mais tarde eu escrevi este verso: Com pedaços de mim eu monto um ser atônito. Agora me indago se esse verso não veio da peraltagem do menino. Agora quem está atônito sou eu.

O intuito é pensarmos nas possibilidades de após receber o descarrilar do descaso do Estado diante da ausência de políticas públicas asseguradas com efetividade, após o

descarrilar de tantas experiências de vidas que poderiam ser vividas longe da escuridão das violências, há modos rizomáticos¹⁷ de produzir vida. Mesmo que pareça estar num território como um labirinto sem começo e sem fim, no subterrâneo, nas franjas, sem centro, parecendo haver confusão, havendo encontros imprevistos, há sistemas de atalhos e desvios, há estruturas de passagens secretas, mesmo sendo sem vias diretas, há oportunidades de resistir.

Não fecho este texto com a imagem de parecer ter ingenuidade, fatalismo ou distopia diante das experiências contadas e/ou vividas, nem tampouco trago soluções como bem pensou Veiga-Neto (2003, p. 6). Busco produzir um impulso para causar uma disposição em transformar os valores e costumes de uma leitura com cheiro de mofo naquilo que teve sentido e significado na vida destes adolescentes no momento de contar suas histórias de vida.

O objetivo aqui foi ao término deste artigo, quebrar a visão simplista de ler sobre o contexto histórico da violência, da adolescência e das periferias, sem apreender o novo, sem a oportunidade de experimentar novos olhares para as multiplicidades de singularidades destes adolescentes. Não gostaria de categorizar o comportamento social nas periferias em detrimento dos outros espaços não periféricos, mas quis nesta exposição, trazer alguns elementos que se repetem nos territórios privados nos quais vivem estes adolescentes e que por sua vez, trazem também sua singularidade nesta repetição.

Cada história terá um rumo, não individual, nem tampouco com o ideal neoliberal de que é preciso se culpabilizar e se destacar na vida com os próprios esforços, mas coletivo, esperando haver mobilização¹⁸, a partir de um devir ativo, de inventar novos modos de vida, com a ideia de inicial de problematizar a si mesmo, as suas relações com

¹⁷ Deleuze e Guattari (1995, p. 11-37) deslocaram o conceito de rizoma da botânica para a filosofia: na botânica, o rizoma é um caule subterrâneo no todo ou em parte e de crescimento horizontal, segundo o dicionário Michaelis. É uma espécie de raiz, diferente do modelo de raiz tradicional que conhecemos. Para Deleuze e Guattari, um rizoma não é um conjunto de linhas exato, mas contém elementos vagos e nômades, há diversas possibilidades de entradas e saídas. Recomendo o vídeo disponível no Youtube, em entrevista a Joseph Vogl, sobre o conceito de rizoma, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2k-wWziPk-g>>, acesso em 31 de março de 2014.

¹⁸ A palavra mobilização, empregada aqui, traz uma conotação próxima ao sentido da palavra que Bernard Charlot (2001) utilizou em um artigo intitulado “Os jovens e o saber”. O termo francês *mobile*, como substantivo *mobiliser* se associa ao termo móbil, em português, trazendo o significado mais próximo de mobilização, movimento do interior para o exterior, diferente de motivação, enquanto movimento do exterior para o interior (CHARLOT, 2001, p. 20). A partir de inquietações que motivem o sujeito, pode ser produzido um devir ativo, por meio da mobilização, experimentando o inédito, aprendendo a selecionar o que o deixa mais forte, evitando o que o enfraquece, cuidando de si.

os outros e com o mundo. Inventando outros modos de produzir a vida. Unindo gomos, na coletividade.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). **Gangues, gênero e juventudes: donas de rocha e sujeitos cabulosos.** Brasília: RITLA; CUFA; SEDH, 2010. 314 p.

ABRAMOVAY, Mirian; CASTRO, Mary García; FREFENAN Marissa. **Juventudes e violência: entre políticas de estado e práticas políticas de recusa, a busca por respeito.** In: RODRIGUEZ, Ernesto (ed.). *Movimientos juveniles en la America Latina y el Caribe: entre la tradición y la innovación.* Montevideo: UNESCO/CENAJU/SELAJU, 2013.

ÁVILA, Milene Peixoto. **Periferia é periferia em qualquer lugar?** Antenor Garcia: estudo de uma periferia interiorana. 2006. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Sociais) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, (SP). 2006. Disponível em: <http://www.bdt.d.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_arquivos/6/TDE-2006-05-05T09:45:02Z-987/Publico/DissMPA.pdf>. Acesso em 18 abr. 2014.

AZEVEDO, Maria Amélia. **Um cenário em (des)construção.** In: UNICEF. (Org.). *Direitos Negados/A Violência contra a Criança e o Adolescente no Brasil.* Brasília: UNICEF, 2005. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_01.pdf>. Acesso em 16 jun. 2014.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas: segunda infância.** São Paulo: Planeta, 2007. 36 p.

BIJOS, Leila. Violência de gênero: crimes contra a mulher. **Contexto e Educação-** Editora UNIJUÍ, ano 19, nº 71/72 - jan. /dez. 2004 - p. 111-128. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/.../891>>. Acesso em 17 jun. 2014.

CAIAFA, Janice. Povoar as cidades. In: **Aventura das cidades: ensaios e etnografias.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. 184 p.

CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade, texto e história: para ler a história oral.** S.P.: Loyola, 1999.

CAMPOS, Maria Teresa de Arruda. **A adolescência inventada e os sujeitos que se inventam na participação social: capturas e rupturas.** 2008. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2008.

CHARLOT, Bernard. A Noção de Relação com o Saber: bases de apoio teórico e fundamentos antropológicos. In: CHARLOT, Bernard (org.) **Os Jovens e o Saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: Armed Ed., 2001.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. I. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, 96 p.

FÉLIX, Luciana. Ouro Verde lidera o mapa da Campinas mais violenta: região onde aconteceu a maior chacina da história da cidade registra 27% dos homicídios. **Jornal Correio Popular impresso e on line** [Campinas, SP]. 19 de janeiro de 2014. Disponível no site da internet: <http://correio.rac.com.br/conteudo/2014/01/capa/campinas_e_rmc/144107-ouro-verde-lidera-o-mapa-da-campinas-mais-violenta.html>. Acesso em 31 de mar. 2014.

FELTRAN, Gabriel de Santis. **Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo**. 2008. 363 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2008. In: IVO, Anete Brito Leal. Um debate periferia em: questões teóricas e de pesquisa. **Cad. CRH: Salvador**, v.23, n. 58, abril de 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792010000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 de jun. 2014.

FONSECA, Claudia. Família, fofoca e honra – etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora UFRS, 2000. *Apud* ÁVILA, Milene Peixoto. **Periferia é periferia em qualquer lugar?** Antenor Garcia: estudo de uma periferia interiorana. 2006. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Sociais) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, (SP). 2006. Disponível em: <http://www.bdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_arquivos/6/TDE-2006-05-05T09:45:02Z-987/Publico/DissMPA.pdf>. Acesso em 18 abr. 2014.

FOUCAULT, Michel. Uma estética da existência. In: **Ditos e Escritos IV: Estratégia Poder-Saber**. Tradução de Elisü Monteiro, Inês Autmn Dourado Barbosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. 321 p.

_____. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: **Ditos e Escritos IV: Estratégia Poder-Saber**. Tradução de Elisü Monteiro, Inês Autmn Dourado Barbosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. 321 p.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília, DF: Líber Livro Editora, 2005, Série Pesquisa em Educação v. 10. 75 p.

HAROCHE, Claudine. A invisibilidade proibida. In: AUBERT, Nicole; HAROCHE, Claudine. **Tirantias da visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Editora FAP – UNIFESP, 2013. 376 p.

IVO, Anete Brito Leal. Um debate periferia em: questões teóricas e de pesquisa. **Cad. CRH**: Salvador, v.23, n. 58, abril de 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792010000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 de jun. 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984. *Apud* ÁVILA, Milene Peixoto. **Periferia é periferia em qualquer lugar?** Antenor Garcia: estudo de uma periferia interiorana. 2006. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Sociais) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, (SP). 2006. Disponível em: <http://www.bdt.d.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_arquivos/6/TDE-2006-05-05T09:45:02Z-987/Publico/DissMPA.pdf>. Acesso em 18 abr. 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. SP: Contexto, 2007. 175 p.

MICHAUD, Yves. A violência. São Paulo: Ática, 1989. In: SHILLING, Flavia. **A sociedade da insegurança e a violência na escola**. 1ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 2004. 110 p. (Coleção cotidiano escolar/ Coordenação Ulisses F. Araújo).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2006. 135 p. (Coleção Temas em Saúde).

MOURA, Rosa; ULTRAMARI, Clovis. **O que é periferia urbana?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. 61 p. Coleção Primeiros Passos.

OÃO, Larissa Vieira. **Minha casa, minha vida**: a produção capitalista da habitação e do espaço urbano no município de Campinas-SP: o Residencial Jardim Bassoli como estudo de caso. 2012. 97 f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas (SP), 2012.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz Editora. 2005. 87 p.

RITTER, Carlos. **Os processos de periferização, desperiferização e reperiferização e as transformações socioespaciais no aglomerado metropolitano de Curitiba**. 2011. 298 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), 2011. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/26402/Tese%2026out.pdf?sequence=1>>. Acesso em 17 jun. 2014.

RITTER, Carlos; FIRKOWSKI, Olga Lucia Castreghini de Freitas. Novo conceitual para as periferias urbanas. Revista Geografar. **Resumos do VII Seminário interno de Pós-Graduação em Geografia**. Curitiba, 2009.

SOARES, Luiz Eduardo. Juventude e Violência no Brasil Contemporâneo. In: Novaes, Regina e Vannuchi, Paulo. (orgs.) **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. 303 p.

SPOSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. Educação e Pesquisa. Em foco: violência e escola. São Paulo, USP, v. 27, nº 1, jan./jun. 2001. In: SHILLING, Flávia. **A sociedade da insegurança e a violência na escola**. 1ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 2004. 110 p. (Coleção cotidiano escolar/Coordenação Ulisses F. Araújo).

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. In: **Revista Brasileira de Educação**, nº 23, mai./jun./ago. 2003, p.5-15.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Sinergia: Relume Dumará, 2009. 124 p. (Conexões, 24).

DOCUMENTÁRIO

MEMÓRIAS do Campo Grande: uma história de lutas e religiosidade na região às margens da John Boyd Dunlop, 2011. Projeto de Extensão desenvolvido pela professora Ivete Cardoso do Carmo Roldão, da Faculdade de Jornalismo da PUC Campinas. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=uL9sds-erY>>. Acesso em 17 jun. 2014.

Sites consultados

ADOLESCENTE. In: **DICIONÁRIO Etimologias on line**. Disponível em: <<http://etimologias.dechile.net/?adolescente>>, acesso em 5 de mai. 2014.

BAR do Rael. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Bar-do-Rael/260658390667034>>. Acesso em 15 abr. 2014.

CAMPO Grande Info – página criada por moradores da região. Disponível em: <<https://www.facebook.com/CGInfo.com.br?fref=ts>>. Acesso em 31 mar. 2014.

COHAB – Companhia de Habitação Popular de Campinas. Disponível em: <http://www.cohabcp.com.br/noticias/2012/1/bassoli_sorteio4.html>. Acesso em 30 mar. 2014.

EMDEC – Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas. Disponível em: <<http://www.emdec.com.br/>>. Acesso em 25 de mar. 2014.

PREFEITURA Municipal de Campinas. Disponível em: <<http://www.campinas.sp.gov.br/governo/servicos-publicos/regioes/noroeste/escolas.php>>. Acesso em 6 abr. 2014.

RESIDENCIAL Jardim Bassoli – Campinas [foto de Cedoc – RAC]. Disponível em: <http://portal.rac.com.br/noticias/index_teste.php?tp=campinas-e-rmc&id=/117140&ano=/2012&mes=/02&dia=/14&titulo=/prefeitura-libera-imoveis-para-moradores-de-area-de-risco>. Acesso em 10 abr. 2014.

RIZOMA. In: **DICIONÁRIO Etimologias *on line***. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=rizoma>>. Acesso em 5 de mai. 2014.

KLUGE Alexander; VOGL, Joseph. **Entrevista: o que é um rizoma?** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2k-wWziPk-g>>. Acesso em 31 de mar. 2014.

SECRETARIA Estadual de Educação. Disponível em: <<http://www.decampinasoeste.com.br/>>. Acesso em 6 abr. 2014.

WIKIMAPIA – foto do mapa da região do Campo Grande em Campinas. Disponível em: <<http://wikimapia.org/6541348/pt/Regi%C3%A3o-do-Campo-Grande>>. Acesso em 2 mar. 2013.